

# ARTUR CORTEZ, DETETIVE DE MODESTO NAVARRO: UM «LANÇADOR DE ALERTAS» ANTES DA HORA

PIERRE-MICHEL PRANVILLE  
CREPAL. Paris 3 - Sorbonne Nouvelle

RESUMO: Modesto Navarro publica sete romances policiais entre 1982 e 2002. O seu detetive, Artur Cortez, é um investigador que se envolverá pessoalmente no processo revolucionário após 25 de Abril de 1974. Esta experiência política vai modificar os seus valores, a própria perceção da sociedade portuguesa e o exercício da sua atividade de investigador. Ele desvia-se das investigações de caráter privado e volta-se para casos de dimensão coletiva. No momento em que denuncia escândalos políticos e financeiros idênticos aos que surgem nas primeiras páginas dos jornais da jovem democracia, torna-se numa sentinela social, ou seja um «lançador de alertas» antes da hora.

PALAVRAS CHAVE: romance policial, investigação, Portugal, revolução, lançador de alertas.

## ARTUR CORTEZ, MODESTO NAVARRO'S DETECTIVE: A "WHISTLE BLOWER" AHEAD OF HIS TIME

Modesto Navarro published seven detective novels between 1982 and 2002. Artur Cortez, his detective, is an investigator who becomes personally involved in the revolutionary process that followed after April 25, 1974 in Portugal. This experience as an activist alters his values, his insight into Portuguese society and his investigative practices. He turns away from private investigations in order to work on investigations with a more collective dimension. By denouncing political or financial scandals such as those that hit the headlines of the young democracy, he became a social sentry and a "whistle blower" ahead of his time.

KEYWORDS: crime novels, investigation, Portugal, revolution, "whistle blower".

Entre 1974 e 2000, quatro autores portugueses correspondem aos critérios duma produção literária policial definidos por Tzvetan Todorov:<sup>1</sup> a existência duma série, a pertença a um dos três sub-géneros. Assim como Francisco José Viegas escreve romances de enigma liderados por dois inspetores da Polícia Judiciária do Porto, Henrique Nicolau produz uma literatura negra cujos investigadores são protagonistas pitorescos dos bairros quentes de Lisboa, Ana Teresa Perei-

<sup>1</sup> Tzvetan Todorov, teorizou uma abordagem da literatura policial em «Typologie du roman policier» in *Poétique de la prose* (1971).

ra tende para o romance de angústia e suspense — o terceiro sub-gênero do romance policial —, dando à luz personagens complexos que se magoam mutuamente em *huis clos* opressivos, Modesto Navarro escreve obviamente romances negros e — ao contrário dos três outros autores — inclui a História de Portugal nos seus textos. Nos sete romances publicados entre 1982 e 2002, o seu detetive, Artur Cortez, é um investigador comprometido que se engajará pessoalmente em experiências militantes que vão modificar os seus valores, a sua perceção da sociedade portuguesa e o exercício da sua atividade de detetive. Desvia-se das investigações de carácter privado e volta-se para casos de dimensão coletiva. No momento em que denuncia escândalos políticos e financeiros idênticos aos que surgem nas primeiras páginas dos jornais da jovem democracia, torna-se numa sentinela social, ou seja um «lançador de alertas» antes da hora.

O percurso de Modesto Navarro é coerente com a sua produção ficcional. O autor nasceu em Trás-os-Montes numa família sem recursos. Instalou-se em Lisboa em 1968 ao voltar de Moçambique, onde efetuou o serviço militar. Militou no Partido comunista e foi eleito para a Câmara Municipal de Lisboa depois da Revolução dos Cravos. Formou-se em sociologia, e tornou-se jornalista. Começou a publicar em 1982. A biografia de Modesto Navarro parece-se muito com a do seu detetive, originário como ele de Trás-os-Montes. O detetive instalou-se na capital sentindo-se dividido entre as luzes da cidade e as vinhas do seu vale trasmontano. Artur Cortez militara ativamente na defesa do PREC<sup>2</sup> em 1974 e 1975. Ficou destroçado e desiludido com o retorno duma opção política mais conservadora e a partir daquele momento mostrou uma atitude a meio-caminho do jornalista de investigação e do investigador policial. Modesto Navarro inventa um romance policial português comprometido que vai desmistificar o pós-25 de Abril tal como James Ellroy desmistificou o clã Kennedy nos Estados Unidos em 1995 com a publicação de *American Tabloid* ou tal como Dominique Manotti em França revelou uma série de verdades desagradáveis sobre tráficos e corrupções numa trilogia de romances reunindo *Sombre Sentier*, *A nos Chevaux* e *KOP* entre 1995 e 1997.

No seu primeiro romance policial, *Morte no Tejo* (1982), Modesto Navarro apresenta um investigador brutal com a curiosa alcunha de Diplo. Numa investigação que o conduz a desmascarar um tráfico de bebidas alcoólicas, revela-se ser um detetive que bate antes de pensar. Este é um romance de aprendi-

<sup>2</sup> PREC: Processo Revolucionário em Curso (1974-1975).

zagem ao mesmo tempo tanto para o autor como para o detetive. Artur Cortez vai mudar completamente a sua maneira de ser no romance seguinte *A Morte dos Anjos* (1983). O detetive descobre então um tráfico de drogas destinado a financiar uma conspiração da Ordem do Centro, organização de extrema direita que tem por objetivo interromper violentamente o processo revolucionário iniciado pelo golpe do 25 de Abril de 1974. Lúcia, militante do PREC seduz o detetive, fá-lo duvidar das suas certezas e critica o seu egocentrismo. Lúcia abre-lhe os olhos sobre as ameaças que se amontoam no país. Artur acabou por encontrar uma consciência política sob a influência de Lúcia e dum comandante do MFA,<sup>3</sup> Cirilo, que se enfurece com o detetive:

— Um homem como tu tem de reagir. És necessário lá fora. Nem fazes ideia dos crimes que se cometem nesta cidade. [...] E as rajadas e as bombas contra objetivos indefinidos, só para manter a tensão e o medo? E como Lisboa cresce, acompanhando as capitais europeias em roubos, crimes e adjacências. Lembrei-me até de montarmos um escritório de investigações, se entretanto puder voltar à legalidade. Que dizes? «Diplo & Cirilo» ou «Cirilo & Diplo — casos difíceis, acontecimentos vários, mortes súbitas e assassínios». Contrabando e crimes de morte, as tuas especialidades. Informação e contra-informação, as minhas. Iremos longe, na sociedade pluralista que se prepara (Navarro 1983: 116).

Lúcia morre num confronto armado. Artur Cortez tenta infiltrar-se na Ordem do Centro ao mais alto nível mas é detido. Situação típica do romance negro, o detetive *loser* perde ao mesmo tempo o seu amor e a própria investigação. Partido fisicamente e psicologicamente, o detetive assiste de longe ao fim do PREC. É a partir daqui que as suas investigações vão ter também a função duma procura de si mesmo. O personagem do detetive adquire uma densidade psicológica e um sentido da análise das situações que enfrenta muito mais global e de cariz social. Derrotado no fim do romance, aquele homem está preparado para adotar uma nova postura.

Em *A Morte do Artista* (1984) e *O Pântano* (1986), Artur Cortez decidiu mudar o rumo do seu combate. Ele já não luta por uma ideologia. Ele vai lutar contra um projeto de sociedade, contra o liberalismo económico imposto de-

<sup>3</sup> MFA: Movimento das Forças Armadas ou Movimento dos Capitães que se constituiu ao longo do ano de 1973, em torno dos objetivos de colocar um fim à guerra nas colónias e de restabelecer a democracia em Portugal e que teve um papel institucional até 1982.

pois do fracasso do PREC em 1975. Artur Cortez é apolítico sem ser neutro como o é Philip Marlowe, o detetive de Raymond Chandler. O crítico Claude Mesplède defende que:

Chandler faz da sua personagem o cúmplice do leitor a quem ele conta tudo. As investigações de Marlowe tornam-se então viagens iniciáticas que o levam a descobrir-se a ele mesmo e ao mesmo tempo revelando-lhe a verdadeira natureza do mundo corupto onde vive. No entanto, não há em Marlowe nenhum comprometimento. Ele é um observador, um individualista solitário e revoltado pela decadência da sociedade na qual se esforça por manter-se livre. Quando ele é contratado para investigar nunca se deixa comprar. Com a sua moral, o seu código de honra e a sua concepção da justiça, este personifica finalmente os valores e os mitos que faltam à sociedade americana.<sup>4</sup>

Artur Cortez não personificaria, ele mesmo, os valores e os mitos que, segundo Modesto Navarro, faltariam à sociedade portuguesa após 1975? O detetive não seria o homem da «Capa de honra» de Miguel Torga?

A «Capa de Honra» deste nativo de Miranda que aparece além não é um simples traje de festa: é o manto dum eclesiástico laico da dignidade. Uma dignidade invejosa e multiforme, que vai do comportamento exterior e público aos atos íntimos e quotidianos. A magnificência das virtudes que reúne é o que lhe dá beleza e serenidade.<sup>5</sup>

As características do *homem justo* valorizadas pela tradição da Capa de Honra correspondem aos traços da mentalidade do detetive de Modesto Navarro.

<sup>4</sup> «Chandler fait de son personnage le complice du lecteur à qui il raconte tout. Les enquêtes de Marlowe deviennent alors autant de périples initiatiques qui l'amènent à se découvrir lui-même tout en révélant la véritable nature du monde corrompu dans lequel il évolue. Pour autant il n'y a chez Marlowe aucun engagement. C'est un contemplateur, un individualiste solitaire et révolté par la décadence de la société au sein de laquelle il s'efforce de rester libre. On l'engage pour une enquête ; on ne l'achète pas. Avec sa morale, son code de l'honneur et sa conception de la justice, il incarne finalement les valeurs et les mythes qui font défaut à la société américaine» (Mesplède 2007: 397).

<sup>5</sup> La « cape d'honneur » de ce natif de Miranda que l'on voit là-bas, n'est pas un simple habit de fête : c'est l'ornement d'un prêtre laïque de la dignité. Une dignité jalouse et multiforme, qui va du comportement extérieur et public aux actes intimes et quotidiens. La magnificence des vertus qu'elle recouvre est ce qui lui donne beauté et sérénité (Torga 1986: 30).

Tal como Marlowe, Artur Cortez escolheu a sua postura social numa via alternativa entre a esquerda e a direita, à duma *sentinela* que defende as liberdades e combate os que procuram limitá-las. Em *A Morte do Artista*, o detetive investiga um tráfico de diamantes entre Angola e Lisboa, comércio ilegal que financia a UNITA,<sup>6</sup> fação armada que se opõe ao MPLA<sup>7</sup> que governa Angola. Artur Cortez denuncia a onnipotência das companhias da indústria do diamante como a Diamang. Ele levará a cabo a investigação sem ter a possibilidade de deter os criminosos apesar de ter publicado as suas averiguações num diário nacional. Tal como em *O Pântano*, o segundo romance do Artur Cortez «lançador de alertas», o detetive deve contentar-se com a satisfação de ter desvendado o enigma. *O Pântano* representa o estuário do Tejo em Lisboa onde os estaleiros navais fecham um após outro. O detetive investiga o desaparecimento do advogado João, defensor dos sindicalistas da metalurgia e das docas. Ele descobre que o comanditário da eliminação do jurista é um ministro do governo, mas não conseguiu amedrontá-lo.

A ação destes dois últimos romances decorreu numa zona urbana, em Lisboa e os seus arredores. Nos três romances que se seguem, a ação traslada-se a Trás-os-Montes. Muda-se de geografia e não só. O detetive muda de atitude. A constatação do insucesso das instituições judiciárias conduz Artur Cortez a fazer justiça pessoal, sem violência, com subtileza, acertando em cheio nas zonas mais sensíveis dos culpados que desmascarou. Segundo o ensaísta Yves Reuter, o justiceiro é uma constante do romance negro:

Três opções apresentam-se com frequência. Ou seja quer o castigo não é cumprido e isto testemunha, mais uma vez, a falência da sociedade. Ou é cumprido pelo detetive ou pelos seus substitutos e manifesta então a dureza da luta levada a cabo e, muitas vezes, a falta de confiança nas instituições responsáveis pela justiça. Quer o castigo é delegado àquelas instituições mas é ressentido como o resultado provisório duma guerra sem fim.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola, partido oposto ao MPLA.

<sup>7</sup> MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola. Governa Angola desde a independência em 1975.

<sup>8</sup> «Trois cas se présentent fréquemment. Soit le châtiment est inaccompli et cela témoigne, une fois de plus, de la faillite de la société. Soit il est accompli par le privé ou ses substituts et il manifeste alors la nature implacable de la lutte menée et, souvent, l'absence de confiance dans les institutions chargées de la justice. Soit il est délégué à ces institutions mais ressenti seulement comme l'issue provisoire d'une guerre sans fin» (Reuter 2005: 65).

Em *Morte no Douro* (1986), o detetive impõe ao assassino uma saída honrosa: o suicídio. Em *Fina Flor* (1993), o criminoso é pressionado por Artur Cortez com toda a força, o que leva o culpado a perder a cabeça e a suicidar-se ao volante do seu automóvel. Em *O Deputado* (2002), o investigador faz com que o deputado incriminado nunca chegue a ser ministro. Resolver os enigmas não apaga a amargura do detetive nem restringe o sentimento de impotência no fim de cada investigação. No final de cada caso, este faz uma análise desesperada da evolução da sociedade portuguesa e conclui que a fase revolucionária de 1974-1975 não mudou nada profundamente.

Os dominantes são sempre os mesmos. Em Lisboa, eles são industriais, engenheiros, empresários, políticos e juristas. O advogado assassinado em *O Pântano* conta como foi contactado por aqueles jovens executivos portugueses dos anos 1980:

Pensa o advogado no ministro de quem foi assessor e no colega que um dia o convidou para uma diferente progressão na carreira. Estavam no palácio, em pleno trabalho. Ambos advogados de recente fornada, embora o outro fosse mais velho. Começava a ter cabelos brancos, a bem dizer. Abria os olhos para a vida empenhada de quem se aproveita das leis. Ganhava na concorrência e ia abandonar a função pública.

—Anda comigo, João. Vamos trabalhar para o escritório dele. Deixamos esta trampa, onde se perde qualidades. Já aprendemos o que tínhamos a aprender. Ele ajuda-nos. Tomamos conta dos clientes e dos negócios. O homem é um génio. Não vês o seu percurso? Jovem e prometedor advogado que chegou longe. Hoje é ministro, amanhã poderá ser melhor. Anda connosco. O futuro está em quem faz as leis e aproveita as oportunidades (Navarro 1986a: 75).

O detetive está convencido de que os juristas são os piores porque são os que, pelas suas funções, podem desviar os textos ou modelá-los segundo os seus interesses. Aqueles criminosos de fato e gravata, quer seja o grande mestre da Ordem do Centro, o ex-engenheiro Sousela da Diamang, o Secretário de Estado de *O Pântano* ou o deputado Viega no último romance, todos eles têm um ponto comum: a impunidade judiciária dos seus atos criminais. No meio rural de Modesto Navarro, os dominantes são os negociantes, os grandes proprietários, os engenheiros agrónomos do Ministério do Ordenamento do Território, e, por fim, a Europa e os seus regulamentos agrícolas. Como no meio industrial, o detetive denuncia no meio rural os ataques aos métodos de trabalho e aos laços sociais tradicionais.

Na cidade ou no campo, as vítimas são numerosas. Na zona de Lisboa, *O Pântano* apresenta um desfile de vítimas económicas das leis de austeridade do Governo de Coligação de 1981 quando as nacionalizações de 1974 foram canceladas. Esta categoria atingida pelo desemprego reúne nos romances de Modesto Navarro os jovens drogados, as mães abandonadas, as famílias separadas; no campo, as mulheres abusadas pelos donos tornam-se mães solteiras, os casamentos arranjados com colonos longínquos nas colónias da África portuguesa, os pequenos viticultores ameaçados pelas grandes companhias de Vinho do Porto, os ciganos ainda pouco sedentarizados.

As vítimas físicas dos romances, os assassinados que aparecem no início das intrigas e que são o alvo das investigações, são, quer testemunhas embaraçosos para os criminais, como o observamos principalmente nos romances lisboetas de Modesto Navarro, quer sentinelas da primeira hora que colocaram a vida e a pele em risco tal como a engenheira Lúcia em *A Morte dos Anjos*, o advogado João em *O Pântano* ou o venerável agricultor Baltazar em *Morte no Douro*.

Quem são então aquelas sentinelas que vão prestar ajuda ao detetive? Elas são sobretudo passadores de informações. Com as suas sentinelas, Artur Cortez retoma o método das redes clandestinas da resistência à ditadura adaptadas à democracia: cria uma atividade nova de vigia cidadã. Nos anos 1990, esta experiência tomou a forma de ações popularizadas por organizações como o Movimento Democrático das Mulheres, que defendia os direitos da mulher, como a Associação para o Aprofundamento da Cidadania, que interveio na defesa dos imigrados, ou como Campo Aberto no Porto em matéria da ecologia. As sentinelas não são militantes que pertencem a partidos políticos. Fazem parte da sociedade civil, formando em vários sectores da sociedade uma rede vigilante.

Nos romances, podemos distinguir duas categorias de sentinelas, as que informam e as que intervêm. As que informam são arquivistas do quotidiano, historiadores anónimos, conservadores da memória local tal como o casal de professores em *Morte no Douro*. Podemos pensar ainda no operário-escritor em *O Pântano* que escreveu um diário acerca do estaleiro naval. Os que intervêm constituem um grupo que, nos romances de espionagem, é chamado de rede adormecida. Aqueles agentes solicitam-se em função da sua posição profissional estratégica para obter uma informação necessária à progressão do inquérito, como os empregados da TAP, companhia aérea nacional em *A Morte do Artista*, para compreender como os traficantes trazem os diamantes de Luanda para Lisboa. Pelos mesmos motivos, em *O Deputado*, Artur Cortez consultar o homem a que ele chama o sábio de Mirandela e uma amiga advogada

em Bragança já que, pelas suas posições profissionais, eles detêm informações decisivas para a investigação. O detetive conta o seu encontro com o homem de Mirandela:

Era um homem seco e alto, que se debruçava para a mesa e falava calmamente do que lhes interessava. Artur gravou na memória do passado recente, de jogadas e ganhos regionais do deputado e de outros, que o sustentavam nos tentáculos do poder. Presidentes de câmaras, empreiteiros, arquitectos e engenheiros, doutores e santos sacrificados no altar dos poderes terrenos, desfilaram perante os seus olhos e ouvidos atentos, enquanto lá fora a música era outra e o povo se divertia, sereno e aparentemente submisso como nunca fora (Navarro 2002: 129).

Quem é o sábio de Mirandela? É talvez o homem a quem Modesto Navarro dedicou o seu primeiro romance rural, *Morte no Douro: A Joaquim Natal Mestre Alfaiate de Mirandela que Lutou pela Liberdade e pela Cultura em Trás-os-Montes*. É realmente o homem que pode desempenhar o papel de «lançador de alertas» pela sua erudição local, pela capacidade de análise, pelas convicções democráticas e pela sua posição privilegiada de observador da vida da região. Artur Cortez, «sentinela-chefe» desempenhara o papel de coordenador das investigações e de sintetizador das informações recolhidas.

Mas podemo-nos questionar sobre o verdadeiro objetivo das sentinelas. Pretendem eles salvar pequenos fragmentos que a Revolução de 1974 não conseguiu tornar perenes? Pode-se observar um exemplo desses fragmentos revolucionários que não resistiram ao retorno da economia liberal: em *Morte no Douro*, Artur Cortez investiga a morte de Baltazar, um viticultor abatido a tiros porque tentou fazer renascer uma cooperativa de produtores criada por militares do MFA em 1975 para evitar a aquisição abusiva de terras pelas grandes companhias. Eduardo Lourenço explica que o povo português não entendeu o que as mudanças introduzidas pela Revolução teriam podido realizar. O ensaísta afirma que o 25 de Abril não foi elevado para o estatuto de mito e, deste modo, não atuou sobre a sociedade. Um mito histórico costuma ter efeitos sobre a identidade dum povo. Na sua interpretação da história, Modesto Navarro mostra igualmente que a sociedade portuguesa não inscreveu este importante evento na sua identidade. Eduardo Lourenço<sup>9</sup> defende que:

<sup>9</sup> Em *O Labirinto da Saudade* (1978), Eduardo Lourenço analisou a evolução da sociedade portuguesa contemporânea.



Após essa fase, devíamos ter encontrado um projeto nacional de vocação socialista realmente *popular* pela sua consubstanciação com os interesses vitais da comunidade aquilo que se perdera jogando num extremismo ideológico sem raízes fundas na tradição portuguesa, em suma, um sentido à altura de uma Nação carregada de recordações grandiosas e cicatrizes cruéis. Faltou-nos imaginação (Lourenço 1978: 67).

A esta revolução faltou sentido, ou seja uma ideologia de justiça social não extremista ligada à cultura do país. Modesto Navarro e o seu detetive julgam que a jovem democracia introduziu um liberalismo económico desenfreado ainda mais desligado da cultura do país. Para estes, trata-se de mais um fracasso. O novo poder que se instalou após 1975 é criticado por ser corrupto e por se afastar do povo. Este poder tal um espectro proteiforme habita a totalidade dos romances de Modesto Navarro. As consequências daquele afastamento das realidades são catastróficas no terreno. Nas zonas industriais ou rurais, a desagregação do laço entre os responsáveis políticos e os seus dirigentes impede a circulação das informações e leva a que as decisões sejam tomadas unicamente no interesse do funcionamento do sistema. A ausência de comunicação cria a imagem dum poder omnipresente isento de qualquer forma de controlo, totalmente independente e de dirigentes desresponsabilizados perante os que os elegeram.

A comparação com a deriva dum organismo americano tal como a NSA revelada pelo «lançador de alertas» Edward Snowden<sup>10</sup> possibilita um novo ponto de vista sobre uma problemática contemporânea universal: a duma instituição criada para proteger a democracia que se tornou numa atividade totalitária e de controlo tentacular. Será que uma vigília social conduzida por «lançadores de alertas» poderá substituir-se aos elos que faltam? Será que sentinelas sociais como Artur Cortez e os seus amigos poderão preservar Portugal duma homogeneização vinda do Norte de Europa que cria mais desigualdades no país? A visão da identidade de Portugal nos romances policiais de Modesto Navarro é a própria imagem duma decomposição em curso, que mostra uma revolução falhada, um país dividido entre cidade e campo, laços sociais e políticos rompidos entre os que decidem e os que executam, e para além disso mostra uma Europa que Portugal não adota. De facto, Modesto Navarro re-

<sup>10</sup> E. Snowden é um analista de informações norte-americano que divulgou em 2013 os programas de vigilância eletrónica de massa da Agência de Segurança Nacional americana (NSA) através dos jornais *The Guardian* e *The Washington Post*.

presenta um povo que se mente a si mesmo, que desconhece a sua realidade. Pois Portugal, segundo José Gil,<sup>11</sup> passou duma submissão a um sistema autoritário à escala duma nação para uma submissão a um sistema de controlo a escala da Europa. Conclui Gil que a sociedade portuguesa perdeu a sua criatividade política e social.

Durante o período totalitário do Estado Novo, os desvios políticos ou sociais eram imediatamente punidos por uma exclusão física, quer por uma eliminação, quer por uma detenção. Na nova sociedade de controlo, os desvios em relação ao pensamento único são punidos por exclusões coletivas, económicas e sociais representadas por Modesto Navarro pelas expropriações de terra no Norte ou pelas falências dos estaleiros navais e o desaparecimento das indústrias pesqueiras no Centro. Um país que concentra grupos sociais excluídos é um país que tem medo e que perdeu a confiança. Estes dois sentimentos são, segundo Modesto Navarro, traços da identidade portuguesa herdados pelo Estado Novo que perduram depois de 1974 no tempo histórico dos seus romances até 2002, sentimentos que produzem inércias, queixas, ressentimentos e agressividade. Finalmente, face a uma identidade portuguesa que conservou antigos costumes anestésiantes, Modesto Navarro e o seu detetive propõem uma saída recorrendo a sentinelas que lançam alertas a um povo adormecido pelo intermediário dos leitores dos seus romances policiais.

Modesto Navarro sem esquecer a função lúdica do romance policial reivindica a sua função de vigília militante. Podemos desta forma considerar que a sociedade portuguesa é o espaço da investigação do autor-detetive, que os dominantes são criminais, os oprimidos vítimas e que os raros que resistem, as sentinelas, são os colaboradores do principal investigador, Artur Cortez. A sociedade portuguesa é a gigantesca cena dum crime social onde decorre uma investigação que, duma dimensão individual, atinge uma escala coletiva. O detetive passa da história à História. A originalidade de Modesto Navarro está no facto de dar a palavra à «arraia-miúda» segundo as ideias de Georges Lukacs.<sup>12</sup> Afastámo-nos dos romances policiais que encenam as desgraças da burguesia. Modesto Navarro produziu páginas duma bela sensibilidade sobre o mundo operário representando os metalúrgicos da Parry ou da Lisnave em

<sup>11</sup> Em *Portugal, Hoje: O Medo de Existir* (2004), José Gil defende que Portugal é um país demasiado normalizado por uma globalização europeia e mundial que avança disfarçada de democracia.

<sup>12</sup> Ver Georges Lukacs. Em *O Romance Histórico* (1965), estuda a função social e histórica da literatura.

Lisboa ou ainda os pequenos viticultores do Alto Douro. Esta tonalidade autêntica confere uma melancolia e uma afeição pelas tradições sociais e a memória duma revolução malsucedida que não esperávamos observar num autor que é ao mesmo tempo um homem político comprometido na procura dum progresso permanente. Os romances policiais de Modesto Navarro compartilham com muitos outros autores portugueses o peso do desencantamento da sociedade pós-25 de Abril.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELLROY, James (1995). *American Tabloid*. Paris: Rivages.
- GIL, José (2004). *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LOURENÇO, Eduardo (1978). *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Dom Quixote.
- LUKACS, Georges (1965). *Le roman historique*. Paris: Payot.
- MANOTTI, Dominique (1995). *Sombre Sentier*. Paris: Rivages.
- MANOTTI, Dominique (1997). *A nos chevaux*. Paris: Rivages.
- MANOTTI, Dominique (1998). *KOP*. Paris: Rivages.
- MESPLÈDE, Claude (2007). *Dictionnaire des littératures policières*. Paris: Joseph K, v. 1.
- NAVARRO, Modesto (1982). *Morte no Tejo*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- NAVARRO, Modesto (1983). *A Morte dos Anjos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- NAVARRO, Modesto (1984). *A Morte do Artista*. Lisboa: Ulmeiro.
- NAVARRO, Modesto (1986). *O Pântano*. Lisboa: Ulmeiro.
- NAVARRO, Modesto (1986). *Morte no Douro*. Lisboa: Ulmeiro.
- NAVARRO, Modesto (1993). *Fina Flor*. Lisboa: Caminho.
- NAVARRO, Modesto (2002). *O Deputado*. Lisboa: Garrido.
- REUTER, Yves (2005). *Le roman policier*. Paris: Armand Colin.
- TODOROV, Tzvetan (1971). «Typologie du roman policier». *Poétique de la prose*. Paris: Seuil, 55-64.
- TORGA, Miguel (1986). *L'universel, c'est le local moins les murs*. Paris: William Blake & Barnabooth.